



LIBRAS: Um olhar voltado à legislação e aos avanços linguísticos

Daniela Fidelis Bezerra¹
Aline de Fatima da Silva Araújo²

RESUMO

Esta pesquisa procura apresentar a Libras em conformidade com os avanços que envolve os aspectos linguísticos e a Legislação Vigente. No tocante ao objetivo geral, procuramos refletir sobre as nuances que permeiam a Libras enquanto língua natural da pessoa surda brasileira. Quanto ao referencial teórico, utilizamos as seguintes concepções: Brasil, Gesser (2009), Gesueli (2010), Hulst (1993), Junior; Stumpf (2015), Liddell e Johnson (1989), Lopes (2011), Quadros, Pizzio e Rezende (2009), Quadros e Karnopp (2004) Stokoe (1960), Strobel (2008). A metodologia deste trabalho fundamentou-se numa pesquisa de cunho qualitativo, com foco na pesquisa bibliográfica. Para isso, utilizamos o método bibliográfico, o qual abordou os avanços e a legislação que efetua como língua materna do surdo. Desse modo, conforme os resultados e discussão, os objetivos foram alcançados, já que apresentamos os avanços da Libras; Discutimos a Legislação. Deste modo, finalizamos este trabalho com a aceção que houve avanços na trajetória linguística da Libras, mas que ainda necessitamos de melhorias em função de ampliar a desmistificação da língua no âmbito social.

Palavras-chave: Libras, Nuances, Aspectos Linguísticos, Desmistificação.

INTRODUÇÃO

Com base nos estudos do linguista americano Willian Stokoe, em 1960, surgem pesquisas que comprovam que as línguas de sinais são genuínas e naturais. Os avanços foram muitos e o acesso foi se desencadeando, com isso as línguas de sinais foram sendo desmistificadas. Os utentes da Língua passaram a fazer uso de forma plena nas mais diversas esferas. Tratando-se do nosso país, a Libras, hoje, é regulamentada a partir da Legislação Vigente. Desse modo, devido aos avanços que foram muitos, a Libras é alvo da pesquisa no âmbito acadêmico, e com isso constatamos estudos de cunho Literários e Linguísticos. Corroborando acerca do desenvolvimento da Libras no nosso país.

Destarte, como objeto de estudo da presente pesquisa, precisamos compreender as nuances que permeiam os avanços da língua de sinais em consonância com os conhecimentos

¹ Pós - Graduanda do Curso de Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, dannifidellis@gmail.com;

² Pós - Graduanda pelo Curso de de Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, line_gbaraujo@hotmail.com.



que envolve a linguística. Quanto ao objetivo geral, temos: refletir a respeito das nuances que permeiam a língua de sinais, mais particularmente os conhecimentos que envolvem os aspectos linguísticos e identitários. Outrossim, conforme os objetivos mais específicos, propomos: apresentar como discorre o ensino de Libras; Abordar as filosofias educacionais que envolve a trajetória da educação dos surdos; refletir sobre a legislação e especificidade da pessoa surda.

Desse modo, a escolha por essa temática se deu em decorrência das inquietações por ser um assunto tão instigante que é a língua da pessoa surda, dado que as seguintes indagações são pertinentes: Posteriormente a oficialização da Libras, quais os avanços pertinentes voltado a pessoa surda?

Por conseguinte, utilizamos como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo. No que concerne à estrutura desse trabalho teremos a seguir no capítulo 1: As Filosofias Educacionais voltada ao uso da Libras; Os aspectos de funcionamento da Libras; Em seguida os resultados e discussões e a conclusão.

METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos utilizados nessa pesquisa são de cunho qualitativo, com foco na pesquisa bibliográfica. Partimos do viés bibliográfico utilizando alguns artigos e a legislação, tais como: o decreto 5626/2005 e a lei 10.436/2002. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), “Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos [...]”.

Para tanto, iremos discutir sobre como o acesso e domínio a Libras contribui para termos o conhecimento voltado à particularidade da pessoa surda e sua língua, e a desconstruir alguns mitos voltado à comunidade linguística minoritária.

REFERENCIAL TEÓRICO

Percorrendo a linha do tempo que envolve os aspectos históricos da Educação de Surdos e da Língua de Sinais, constatamos que houve um período considerado próspero, tido como época dourada: tivemos muitas escolas de surdos, professores e pesquisadores da língua de sinais, ou seja, foi um período de revelação. Strobel (2009) divide a história do povo surdo em três partes:



1. Revelação cultural: Nesta fase os docentes foram surgindo e as pesquisas evoluindo para a Educação de Sudos. 2. Isolamento cultural: A respeito do congresso de Milão, ocorrido em 1880, que restringiu o acesso a Língua de Sinais na educação dos indivíduos surdos. 3. O despertar cultural: a aceitação e incentivo às pesquisas linguísticas.

Na fase do isolar cultural essa língua foi proibida. Perlin e Strobel (200) abordam que isso ocorreu em 1880, no Congresso de Milão. Deste modo, por meio de uma determinação mundial a Língua de Sinais foi oficialmente proibida nas escolas e a pessoa surda foi excluída da política e das instituições de ensino, obrigando a todos praticar o Oralismo. Essa imposição aumentou pelo fato de que o avanço da medicina estava em alta. Diante disso, o Oralismo ganhou força para entrar em vigor na sociedade. Com isso, a população pretendia a reabilitação da fala, e assim, as pessoas surdas seriam normalizadas e deveriam comportar-se como as pessoas ouvintes, ou seja, deveriam aprender a falar.

Perlin e Strobel (2008) discutem ainda que o Oralismo visava a aceitação das pessoas surdas socialmente. Mas essa metodologia não funcionava para todos, pois muitos não conseguiam desenvolver a oralidade, e, portanto, eram excluídos. Com o fracasso do Oralismo, em meados de 1960, surge a Comunicação Total. Desse modo, acreditamos que somente o aprendizado da língua oral não assegura o pleno desenvolvimento da criança. Sobre a Comunicação Total, podemos observar que se trata de uma educação para os surdos em que visa todas as formas de comunicação possíveis, sem privilegiar uma única língua.

O tempo passou e a filosofia oralista não teve sucesso, passando a existir a fase do despertar, onde surgiram as pesquisas linguísticas e o reconhecimento que Língua de Sinais, é uma língua natural que se adquire de forma espontânea. A respeito de adquirir primeiramente a Língua de Sinais para posteriormente internalizar a Língua Portuguesa como segunda língua, Gesueli (2010) afirma que, para isso ser possível, umas das alternativas a serem adotadas é a prática por uma educação bilíngue, uma vez que tem favorecido tanto para uma contemplação da expressão surdez como também da comunidade de surdos. A observação contemplada pela educação bilíngue tem papel crucial para integrar os profissionais da área da educação. Conforme o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, tanto a Libras como a Língua Portuguesa esta na modalidade escrita devem ser oferecidas aos discentes desde a fase inicial como línguas de instrução.

Nesse sentido, Lopes (2011) nos alerta quanto à questão de os surdos estarem lutando constantemente para terem seu espaço, e assim serem vistos como uma comunidade, dado que é um direito deles. Nessa acepção, Gesser (2009) discute também o assunto numa perspectiva



em que as instituições de modo geral devem incluir em seus estabelecimentos o “direito linguístico” à comunidade de surdos para que haja o acompanhamento específico. Segundo a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, os direitos linguísticos “ são simultaneamente individuais e coletivos, e adota como referência da plenitude dos direitos linguísticos, o caso de uma comunidade linguística histórica no respectivo espaço territorial, [...]”.

A Língua Brasileira de Sinais utilizada pela comunidade surda do Brasil é uma língua de modalidade visuoespacial. Que vem sendo investigada e debatida na atualidade. Isto posto, precisamos conhecer alguns mitos que precisam ser desconstruídos acerca da Libras.

Vale salientar que existem alguns mitos que atrapalham na compreensão de que Libras é uma Língua, podemos citar um deles: É que seria uma mistura de pantomima, ou seja, um conjunto de gesto ou mímica. Gesser (2009) nos traz de forma clara que a Libras é uma língua e não um conjunto de gesto, ou mímica. Ressaltamos que temos os sinais icônicos que se assemelham ao referente, mas são distantes do conceito de gesto. E temos também os sinais arbitrários que não têm similaridade com o referente, enfatizando então que a Libras tem sinais icônicos e arbitrários.

Outro mito que causa incompreensão é o de que a língua de sinais seria um sistema superficial, inferior a Língua oral. Gesser (2009) e Strobel (2008) nos mostram que podemos discutir qualquer tema por meio da Libras, os sinais podem passar uma mensagem de forma ríspida, má educada, ou de forma alegre etc. Ou seja, podemos exprimir qualquer conceito por meio da Libras até o mais abstrato. Comprovando assim seu status de língua genuína, possuindo sua própria gramática e seus aspectos gramaticais.

O estudo pioneiro de Stokoe em 1960, voltado a Língua de Sinais Americana (ASL), nos mostra e convalida que a Libras é uma língua de fato e direito, além de possuir uma modalidade visuoespacial. Refletindo sobre a Língua de Sinais utilizada em nosso país, temos as Linguistas Brito (2010), Felipe (2001), Quadros e Karnopp (2004) que abordam pesquisas linguísticas em que estudam a língua, suas particularidades e seus utentes, dando veracidade ao status da Libras. E retratando os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos, assim como as possíveis variações linguísticas: histórica, social e regional conforme Strobel e Fernandes (1998).

“As línguas de sinais ganharam o status de línguas naturais e sociais na comunicação humana, com estruturas gramaticais e exercendo funções interacionais” (JUNIOR; STUMPF, 2015, p. 94). Diante disso, com base na estrutura fonológica da língua de sinais, é perceptível que ela é constituída através de parâmetros que se combinam de maneira simultânea ou



sequencial. Segundo Quadros, Pizzio e Rezende (2009), os elementos fonológicos de acordo com as expressões na Língua de Sinais Americana (ASL) não são apenas dispostos de modo simultâneo. Em contraposição, identificam que existe uma estrutura de sequência significativa, pois determinados aspectos fonológicos acontecem por meio de um seguimento, referindo assim a uma sílaba.

Sobre a composição do sinal/palavra, Stokoe (1960) e Hulst (1993) afirmam que sinal é um léxico a palavra que temos em Língua Portuguesa se origina a partir da combinação uniforme consoante aos parâmetros de configuração da mão, do movimento e também do ponto de articulação. Sequencialmente, as expressões da face e as corporais, bem como a orientação da mão foram inseridas em tais parâmetros. Do mesmo modo, Quadros e Karnopp (2004) discutem o respectivo assunto numa visão em que a distinção mais notável no que se refere à língua de sinais e as orais é a influência da sequência horizontal em consonância com o tempo existente nos fonemas das línguas orais e a sua inexistência nas línguas de sinais, visto que esses fenômenos são estruturados de maneira simultânea.

Embora Liddell e Johnson (1989) considerem que o sinal tenha como suporte o parâmetro movimento, Hulst (1993), em suas pesquisas, aborda que o parâmetro movimento é apenas uma decorrência da configuração da mão e locação. Portanto, constatamos que a Libras é uma língua, e que os mitos existentes nos embasam e comprovam a relevância da manifestação e do uso da Língua de Sinais Brasileira em todo o território e contextos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

E perceptível os avanços voltados à educação dos surdos e a Libras, dado que é notável a relevância quanto à Lei 10.436/2002 e o Decreto 5626/2005. As pesquisas foram se acentuando, e com isso já podemos notar avanços como exemplo: no âmbito acadêmico a efetivação do Componente Curricular Libras. Percebemos que foi um processo lento, as Universidades não inseriram imediatamente o componente em seu curso, podemos observar isso a seguir, algumas só implantaram por completo no ano de 2012 e 2013.

A obrigatoriedade da disciplina de Libras nas Licenciaturas possibilitou um novo espaço de discussão e problematização da surdez. A disciplina de Libras teria a incumbência de ensinar Língua e compartilhar, com os estudantes, a cultura surda (GIORDANI, 2014, p. 8).



O acesso a esta língua tão rica, e pesquisando essa comunidade linguística, que conforme mostra a sua trajetória por muito tempo foi excluída, posta a margem, visto como anormais e que precisavam ser corrigidos. A partir disso constatamos a plenitude de conhecimentos que adquirimos principalmente enquanto educador. Adentrar e pesquisar sobre a comunidade surda e sua língua nos ajuda a enxergar o mundo de outra forma, valorizando os aspectos culturais do surdo e a sua língua.

[...] possibilidades de discussão na formação do educador sobre concepções de surdo e surdez e, conseqüentemente, produzir novas representações conduzindo e promovendo espaços de desmistificação de saberes alicerçados no modelo corretivo da normalidade (GIORDANI, 2014, p. 2).

Refletimos e constatamos os avanços existentes no âmbito acadêmico e social, o que há anos não existia o ensino e desmistificação da LSB, hoje é alvo de pesquisa e permeia o universo da pesquisa acadêmica. É de se considerar que precisamos de ajustes e melhorias, como um aprofundamento no que tange o conhecimento da cultura da pessoa surda entre outras questões, no entanto analisando o passado e o presente percebemos que a Libras houve avanços significativos e sua valorização enquanto língua, nos resta ter atitude política para auxiliar a exercer o papel enquanto língua e o surdo enquanto cidadão que possui cultura e identidade própria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que houve avanços voltado à Libras, mas que ainda necessitamos de melhorias para ampliar a desmistificação da língua no âmbito linguístico e social. É fato que a área linguística já cresceu mas ainda galga a passos lentos, porém hoje percebemos a visibilidade da língua na esfera artística, educacional e política. Constatamos a presença de tradutores intérpretes de libras, trazendo a acessibilidade por meio da Libras. A própria Libras ocupando espaço nunca imaginado antes, como a esfera artística em programas de tvs, filmes e shows. Todos esses avanços graças a legislação e luta da comunidade é um ganho para o povo surdo brasileiro. De forma singular, isto é, reitero que o aspecto cultural próprio da pessoa surda e sua língua está sendo valorizado. Consideramos essa pesquisa relevante para academia



e sociedade em geral, pois assim como a comunidade surda, os utentes da língua ganharão visibilidade.

REFERÊNCIAS

A Conferência Mundial sobre Direitos Linguísticos. *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos*. Barcelona, junho de 1996. Disponível em:
http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf.
Acesso em: 01 out. 2019.

BRASIL. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 22 de dezembro de 2005. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em:
01 out. 2019.

BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática de línguas de sinais*. – [reimpr.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FELIPE, Tanya A. *Libras em contexto: curso básico*, livro do professor/instrutor. FELIPE, Tanya A; MONTEIRO, Myrna S. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Método de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009

GESSER, Audrei. *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GESUELI, Zilda Maria. A escrita como fenômeno visual nas práticas discursivas de alunos surdos. In.: *Leitura e escrita: no contexto da diversidade*. LODI, Ana Claudia Baliero; HARRISON, Kathryn Marie Pacheco; CAMPOS, Sandra Regina Leite de Campos, orgs. Porto Alegre: Mediação, 2010. (3.ed. atual. ortog). 112 p.

GIORDANI, Liliane Ferrari. *Disciplina de LIBRAS nos cursos de Pedagogia: Qual a desconstrução possível da anormalidade surda pelo olhar do aluno?* [S.I] [2014?]. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/149164/000987412.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13 nov. 2019

HULST, Harry van der. *Units in the analysis of sins*. In: *Phonology* 10, p. 209- 241, 1993.

JÚNIOR, Luiz Antonio Zancanaro; STUMPF, Marianne Rossi. *O ensino de libras em sinalizadores ouvintes: uma análise dos parâmetros fonológicos*. Leia Escola, Campina



Grande, v. 15, n. 1, 2015, p. 92-106. Disponível em
<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/485> acesso em: 17 jan. 2019.

LIDELL, S. K; JOHNSON, R. E. *American sign language: the phonological base*. Washington: Gallaudet University Press, 1989.

LOPES, Maura Corcini. *Surdez & Educação*. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. 104 p

QUADROS, Ronice Muller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, P. L. F. *Língua Brasileira de Sinais I*. Florianópolis/SC: UFSC, 2009 (Material didático para Disciplina de Libras I).

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira*. Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed; 2004.

STOKOE, W. C. *Sign language structure: an outline of the visual communication system of the American deaf*. New York: Buffalo University, 1960.

STROBEL, Karin Lilian. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. *Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais*. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.